



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 28-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talhadas-Lisboa • Telefone 5339 O.

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O SOLDADO DESCONHECIDO

Nós não conhecemos — é lógico — o soldado desconhecido. Não sabemos se era alto ou baixo, magro ou gordo, bom ou mau. É possível que esse homem desconhecido, que deixou a vida nos campos da Flandres, fosse um excelente carácter, um idealista simpático, um ótimo pai, um marido extremo. É natural também que fosse um simples criminoso, sem moral, sem amor pelo próximo, sem uma alta concepção da vida que distingue as pessoas úteis à sociedade. Quem sabe se esse esquecido informe, mutilado, nauseabundo, não pertence a uma alma pobre como o seu próprio cadáver?

Morre na linha de batalha. Não será provável, porém, que se tivesse escapado desse cataclismo sangrento, fosse agora um criminoso vulgar, espionando suas faltas em Timor ou na Penitenciária? Esse soldado, a quem a burguesia vai prestar homenagens espectaculares e caras, terrivelmente caras, poderia ser um viloso reles, que numa rixa da Mouraria ou das tabernas do Bairro Alto desse a existência por uma prostituta, uma qualquer Micas debochada e sifilítica.

Para nós, um desconhecido é um indiferente, e o indiferente não se nos ama. O soldado desconhecido é como se não existisse.

Eis as cousas vistas terra a terra, ante a flagrante realidade da vida.

Porém quando se transforma a realidade em símbolo, quando se lhe empresta um pouco de sonho, de fantasia, a vida toma um aspecto muito diferente. O símbolo é aquilo que o sonhador quer. Uma vez, o símbolo é a forma cheia de beleza que obriga todos os cérebros a compreender e a sentir uma verdade incontestável; outras, uma especulação ignóbil, apresentada por charlatães. A burguesia transformou o soldado desconhecido em símbolo. A burguesia dá-lhe a feição que quiser — e está no seu direito.

Imaginemos, por momentos, que o desconhecido era um autêntico tuzante. A burguesia festeja agora um indivíduo que foi defensor, na grande guerra, a propriedade privada, a soberania da casta capitalista, o preconceito, a restrição das liberdades populares, a desigualdade económica, a exploração do rico sobre o pobre. A burguesia está contenta, festeja o tuzante e delira, e quem de fora toma atitudes cômicas. Só quem está de parte, como nós, pode apreciar o ridículo de tudo isto.

O soldado desconhecido já tem quatro meses. Os jornais já se referem com extrema naturalidade às mãos do soldado desconhecido.

Enfim, a burguesia tem uma certa razão em prestar homenagem a esse homem que por ela morreu.

Que seria desses novos ricos que por aí pululam, se a guerra não tivesse estado, com todo o seu cortejo de misérias e de iniquidades?

Que seria do comércio, da alta finança, dos senhores, dos mercadores, dos generais, dos africanistas, dos deputados e dos governantes, se um soldado desconhecido, morrendo por eles, lhes não aumentasse os proventos até à indigestão?

O soldado desconhecido, símbolo de todos os soldados, que os governos exportaram, como carne de canhão, merece todas as homenagens, o profundo reconhecimento desses que encheram até rebentar. A acção desse desgraçado inconsciente foi apenas favorável a todos os crimes, a toda a desmoralização que da guerra resultaram.

Antes da guerra, quando nós passávamos ali pelo Chiado, tirando meia dúzia de imbecis, a multidão era pacata, sossegada, amável. Hoje, devido à acção do soldado desconhecido, as prostitutas imploradas invadem o trottoir, os novos ricos, de dedos plenos de anéis fasciantes de pedrarias, seguem-nas, como cães babos na cola de cadela; os automóveis, guiados por proprietários, que lançam sobre nós, através do monóculo reluzente, um olhar vesgo de desprezo, entrecruzam-se às dezenas, afogando os ares com os seus claxons americanos.

A prostituição aumentou duma forma extraordinária. As mulheres que vendem o corpo sifilítico são em número grande, colossal, apenas comparável ao dos políticos que vendem a consciência e a pele do povo às companhias exploradoras, aos banqueiros, aos roedores de S. Tomé. O soldado descon-

hecido fomentou o desenvolvimento de todas as ignomínias que antes da guerra quase passavam despercebidas. O soldado desconhecido implantou o reinado da injustiça, do roubo e do assassinato em plena rua.

Foi o desequilíbrio económico que a mobilização de milhões e milhões de braços válidos, de braços de homens fortes, em pleno vigor, em plena vida, trouxe, que deu o predomínio ao ladrão, ao mentiroso, ao charlatão, ao pantomimeiro, ao padre e ao assassino profissional. São estas excelentes pessoas que governam o povo miserável, roubado, espinhado, viciado pelo ambiente de loucura e de ignomínia, que em todos os cantos se respira. E, pois, a casta formada pelo criminoso de casa, pelo ladrão enluarado, pelo assassino agalado, que presta homenagem ao soldado desconhecido. É justo que assim seja. A esse homem devem eles tudo: a ociosidade, a mesa farta, a prostituta cara, o automóvel chic e a impunidade de todos os seus crimes. Foi o soldado desconhecido que, nos campos de batalha, lutou contra outros assassinos da Aite germânica, assegurando-lhes a existência. E ainda o soldado desconhecido que, nas ruas da cidade contenta, o operário, esmagado e sedento de justiça, que nos campos fere os camponeses, quando estes pretendem tomar de assalto a propriedade privada, que os capitalistas pretendem conservar para dela tirar o que à colectividade pertence.

É natural, é lógico que a burguesia, extremamente reconhecida pelos serviços que o soldado desconhecido lhe prestou, o eleve bem alto, como um génio, como um deus poderoso, que a favoreceu e protege.

A GREVE

Trabalhadores dos jornais

Música celestial...

Argumentam as empresas jornalísticas do bloco que o mais forte motivo porque não negociam com os legítimos representantes dos trabalhadores dos jornais reside na circunstância de atravessarem uma situação precária. Sabe-se que, em relação, pelo menos, às que estão publicando os seus jornais, não é isto exacto, pois não se compreende que quem diz lutar com dificuldades financeiras venha pagando aos tipógrafos militares e aos candelários salários muitíssimo mais elevados que os que teriam de dar aos grevistas.

O verdadeiro significado da resistência das empresas jornalísticas reside não apenas em pretenderem desligar os compositores dos jornais, mas porque receiam que, se tal união perdura, a união, sob a Federação do Livro e do Jornal, dos trabalhadores manuais e intelectuais, representará alguma coisa de avançado, e elas, as empresas, a despeito de se dizerem muito amantes de tudo quanto respeita a progresso, são suficientemente reacionárias para não aceitarem de bom grado semelhante facto, que altamente as perturba.

É por isso e por mais nada que as empresas jornalísticas tem oposto uma singular resistência aos trabalhadores dos jornais. É também por compreenderem perfeitamente os intuitos dos seus adversários, que os trabalhadores dos jornais, embora impedidos à luta por virtude de se lhes negar a satisfação de reclamações de carácter económico, se mantêm unidos como no primeiro dia, tendo sabido contrariar todos os estratagemas que lhe não são levantados.

Tudo que não seja o que tem claramente se descortina não passa de música celestial...

Novos jornais

Saem amanhã dois novos jornais, cujos quadros tipográficos são constituídos por tipógrafos grevistas, fazendo também parte das respectivas redacções vários elementos que acompanham o movimento desde o primeiro dia.

Um desses jornais, o *Correio da Manhã*, é dirigido pelo dr. sr. Aníbal Soares, que até há pouco formou o lado das empresas jornalísticas, que constituem o bloco. O outro, *Diário de Lisboa*, que sairá às 17 horas, é dirigido pelo dr. sr. Joaquim Manso, chefe da redacção de *A Pátria*. O primeiro é de orientação monárquica e o segundo de feição republicana, embora com carácter independente.

As empresas dos dois diários já firmaram o respectivo acordo com a comissão pro-reclamação de aumento de salário dos trabalhadores dos jornais.

A solidariedade da organização operária

A Associação dos Operários Alfaiates do Porto, em ofício que vem de enviar à Federação do Livro e do Jornal, comunicou que em sua sessão de 27 do mês passado, tratando do movimento dos trabalhadores dos jornais, resolveu significar-lhes as suas efusivas saudações, oferecendo, ao mesmo tempo, todo o seu auxílio material.

A Associação dos Carpinteiros Naveais enviou à comissão executiva do movimento um ofício de saudação, declarando estar fazendo a maior propaganda do órgão dos grevistas na imprensa.

— A secção profissional dos mecânicos em madeira do Sindicato Unico da Construção Civil, na sua assembleia geral de ontem, aprovou uma proposta saudando por intermédio de *A Batalha*, os grevistas da imprensa, pela forma honrosa como se tem mantido.

No Sul e Sueste

O soldado incógnito não apanhou nada

Desde a última greve que não é permitido ao pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste fazer subscrições, nem cobrar cotas da associação. Há dias, porém, foi permitida uma subscrição para a compra duma coroa para o soldado desconhecido.

A ideia partiu de alguns amarelos, que não tendo coragem moral para se apresentarem pessoalmente a pedir o dinheiro, encarregaram uma criança, que na estação faz serviço de bofetão, de desempenhar esse papel.

Passou isto em Beja, onde o pessoal respondeu à subscrição mandando despir os «canários» que na sombra manejavam os cordeiros da subscrição.

PARTIDO COMUNISTA PORTUGUES

Reuniu mais uma vez a Junta Nacional deste Partido, tendo-se ocupado, entre outros assuntos, dos sucessos de S. Tomé, a propósito do que lavra o seu vemente protesto contra as medidas de repressão violenta de que estão sendo vítimas os trabalhadores, os indígenas e funcionários daquele ponto de África.

A Junta convida, novamente, os camaradas que se inscreveram nas listas de adesão a procurarem qualquer dos membros dos corpos directivos, a fim de preencherem as suas propostas, podendo também, para esse fim, dirigir-se à sede provisória, Rua do Arco do Marquês de Alegrete, 30, 2.º, direito.

Amanhã há nova reunião.

A BATALHA

encontra-se à venda em Paris na Rua Abbéville.

EM TOMAR

O Congresso Metalúrgico

Os trabalhos tem decorrido com grande entusiasmo

(DO NOSSO ENVIADO ESPECIAL)

Até à hora em que fechamos o nosso jornal não nos chegou a segunda carta do nosso enviado, certamente por virtude da dificuldade que haverá tido em apanhar o rápido tendendo a que a estação do caminho de ferro fica a uma longa distância da cidade.

Sabemos, todavia, por comunicações telegráficas que recebemos, e que adiante reproduzimos, que o Congresso prosseguirá ontem activamente nos seus trabalhos, dos quais esperamos poder dar nota mais desenvolvida no nosso número de amanhã.

Não são aprovadas as oficinas sindicais

TOMAR, 5.—(T.)—Ontem, durante a discussão da tese de Organização, foram repudiadas as oficinas sindicais, tendo-as combatido José de Sousa, Jacinto Rufino, Inácio Santos Viseu e outros congressistas, com grande veemência, porquanto as achavam antagónicas com o sindicalismo revolucionário.

O relator da tese, António Peixe, após a defesa dos seus pontos de vista, concordou com a atitude do Congresso, felicitando-o pelo seu alto espírito revolucionário.

Foi aberta uma quebra a favor dos presos por questões sociais, prosseguindo os trabalhos activamente.

Os congressistas visitaram as ruínas da Nabância.—E.

Na quinta sessão aprova-se a tese sobre a siderurgia

TOMAR, 5.—A quinta sessão do Congresso Metalúrgico decorreu cheia de interesse.

Nesta sessão foi discutida a tese *Intensificação e desenvolvimento da indústria metalúrgica pela introdução da siderurgia no país*, trabalho que *A Batalha* deu à estampa e que surpreendeu, por bem elaborado, os elementos não operários que, como especta-

A campanha nativista de Herodes para Pilatos

A campanha nativista no Brasil está adquirindo proporções colossais. Parece impossível que em pleno século XX a ideia nefasta da pátria consiga ainda dividir os homens, como se de facto houvesse raças inferiores ou superiores e a terra não dovesse pertencer aos homens de todas as cores e nacionalidades. É natural que os brasileiros se sintam um pouco despeitados por se sentirem sob a pata dos comerciantes portugueses que ali roubam os naturais, tal qual nos froubariam aqui. Mas que rancor pode haver, porém, contra homens que para lá vão trabalhar, contribuindo com o seu esforço mal remunerado para o engrandecimento da terra? Sem os comerciantes portugueses, sem os ricos portugueses, perfeitamente embriagados pela fortuna, podem os brasileiros passar. Mandrões que vivem à custa do esforço alheio são nocivos em toda a parte. Se o povo brasileiro os não quer lá, não também os não desejamos por cá. Porém, pobres trabalhadores que trabalham todo o dia, a fim de conseguir um pedaço de pão para os seus filhos, merecem mais consideração.

Poderão os comerciantes, os burgueses lusitanos, como os capitalistas brasileiros ser prejudiciais, mas os trabalhadores não tem culpa disso.

No entanto a campanha nativista, que é movida por capitalistas brasileiros e por indivíduos embriagados de ideias patrióticas, dirige-se contra todos os portugueses, operários e patrões. É claro que os maiores vítimas são os operários, devido à falta de recursos, porque os ricos, se não estão bem-mudam-se, e os pobres passam fome, miséria sem fim.

Para que os leitores avaliem quanto de acintoso e repugnante contem os ataques chauvinistas, vamos transcrever um manifesto que pessoa amiga, fugida do Brasil, fez chegar às nossas mãos:

BRASILEIROS!

ALERTA!

Partido da imensa e hipotética colónia portuguesa desta capital, circula actualmente nas ruas desta cidade mais um boletim onde se pretende embelesar-nos por meio de insultos próprios somente de cães desparados, crentes que tem a petulância de, se dizendo nossos irmãos, e confusos na liberdade constituição do nosso país, atacarem, bofardemente, escovando e transcrevendo escritos indecentes dos nossos inimigos: desastrosos portugueses — que, longe da nossa pátria e tendo a sua sede de pilagem derramam o seu ódio predilecto contra nós que lhes fazíamos a barriga, saciando a sua fome.

Cumpramos os seus desejos, os seus desejos que fizeram circular nos boletins. O acto destes senhores é mais uma infâmia atirada às faces dos nossos homens de bem, aos nossos bravos de povo hospitaleiro, às famílias brasileiras, do nosso querido Brasil.

Ela pois, saibamos ser brasileiros! Como Jesus no Templo, expulsamos, mesmo à Chibata, esses desagradáveis vendilhões que procuram nos infamar. Estes ingratos não querem a nossa consideração, querem chibote no lombo. Vergastemo-lhes!

O Brasil deve ser dos brasileiros!

Abaixo o elemento nocivo da colónia lusitana!

Viva o Brasil!

Ora, isto não é patriotismo. Isto não é ideal, é vontade torpe de ferir a dignidade humana. Felizmente não é do povo consciente que semelhantes ofensas partem, porque o povo não tem pátria, porque não possui propriedades nem capitais a defender. São meia dúzia de ricos e patriotas inconscientes, a quem o capitalista português, faz sombra que assim vomitam tais infâmias.

Mas se a questão é entre os grandes, se interessa só aos grandes, porque não se lançam eles uns aos outros deixando os pequenos em paz? O povo, o desgraçado povo é que serve sempre de alvo aos tiros que os outros merecem.

Ateneu popular

Reúne amanhã, pelas 21 horas, na sede, Rua da Madalena, 235, 1.º, a comissão reorganizadora, pedindo-se a comparecência de todos os indivíduos que tenham em seu poder qualquer valores pertencentes ao Ateneu.

girão alguns portugueses para Moçambique?

Como dissemos, o sr. ministro das colónias transmitiu há dias um telegrama do nosso conselheiro em Maná, em que comunicava encontrarem-se naquela cidade grande número de trabalhadores portugueses lutando com a falta de recursos, ao alto-comissário em Moçambique, para ali serem colocados conforme era desejo dos referidos trabalhadores.

Aquele alto funcionário respondeu que informaria com urgência quando pudesse obter colocação para os mesmos, visto a província não se poder receber senão depois dessa garantia.

Os livros e os autores

Ramo de loirol por João do Rio, Livraria Bertrand, Lisboa, 1921.

O admirável prosador que é João do Rio tece neste livro com requintada arte corações de loirol que depõem nas frentes consagradas de autores portugueses e brasileiros. Não se trata porém de baiais ou encomiásticos elogios. Sem serem rigorosos estudos críticos, João do Rio, que é um escritor refinado, dá-nos a sua visão original da obra literária de alguns confrades seus, e postos em destaque por ele as culminâncias artísticas, mais altas e soberanas se revelam ainda e mais forte o seu relevo.

João do Rio é um requintado artista da frase e burila com um fino gosto atencioso. As suas páginas são cheias de beleza, uma forte beleza original que torna a língua portuguesa, manejada pelo escritor brasileiro, singularmente harmoniosa.

Ramo de loirol, felizmente saído dos prontos portugueses, contém impressões sobre o poeta João de Barros, Fialho de Almeida, o actor Augusto Rosa e vários poetas e literatos brasileiros.

200 milhas a remos, narrativa trágico-marítima, por Luís José Simões, Lisboa 1920.

Esta narrativa sobre o afundamento do caça-minas «Augusto de Castilho» por submarinos alemães, foi já publicada em folhetins no «Diário de Notícias».

O seu autor, sr. Luís J. Simões, 2.º tenente maquinista condutor, um dos valerosos sobreviventes, conta a dolorosa e heroica tragédia da sua salvação e de mais doze companheiros seus, bravos marinheiros que navegaram dentro d'um pequeno bote 200 milhas a remos, indo ter à ilha de S. Miguel no arquipélago açoriano.

A narrativa é emocionante e bela, e constitui mais um capítulo da nossa história trágico-marítima.

Amores trágicos, romance por Eduardo de Aguiar, Porto, 1914.

Um rapaz de fortuna que se liga a uma rapariga do povo, a quem pouco casa e educa no intuito honesto de viver com ela e que é depois traído por um falso amigo que lhe arrebatou a rapariga, no fundo dotada de mau carácter, tal é o enredo banal deste romance, género folhetim de Paris, com as saudades morais do estilo, no desfecho trágico do suicídio do desleal sedutor, depois de envenenar a perdição que procurava já conchegado novo.

O sr. Eduardo Aguiar é um escritor fecundo, autor de vários romances de imaginação, muito superficiais e novelescos.

Memórias de Ruy Pereira, por Da Cunha Dias, Lisboa, 1920.

Estas memórias tem realmente muito valor literário. Numa prosa cheia e ampla, cortada de ímpetos bruscos acentuados por um nobre orgulho que parece ser a característica do temperamento do autor, transparece uma alma vibrante, sentimental e ardente, que se tem às vezes enternecimentos líricos não oculta porém indomável energia.

«Ser forte, diz Da Cunha Dias, é ser coerente consigo próprio, e assim manter uma inabalável firmeza na adversidade».

Edição elegante, muito cuidada e artística como todas as publicações deste autor, as *Memórias de Ruy Pereira* são deliciosos poemas em prosa que revelam um delicado temperamento literário, já de resto soberbamente manifestado por Da Cunha Dias.

Quem não trabalha não come, por Adolfo de Pinho, S. Paulo, 1920.

El dum camarada brasileiro este excelente folheto publicado pelo Centro Juvenil do Futuro, de S. Paulo.

O célebre artigo 18 da Constituição revolucionária russa de que o autor se mostra fervente adepto, serve de conteúdo tema para Adolfo de Pinho demonstrar a injustiça da presente organização social e o interesse de todos os trabalhadores em unificarem os seus esforços para a instauração duma nova sociedade mais racional e humana.

Responsabilidades, comentários da senhora «Toda-a-gente», por Furtado de Mendonça, Lisboa, 1920.

É um opúsculo de crítica aos factos políticos e institucionais nacionais, nada benevolente e muitas vezes contundente. Deve dizer-se que o autor é justo e que os quadros como os clubs, a magistratura, o exército e a marinha, a imprensa, etc., são flagrantemente verdade.

Sátiras e epigramas, por José Agostinho, Livraria Civilização, Porto.

O conhecido escritor José Agostinho mostra neste opúsculo um aspecto interessante das suas grandes faculdades literárias. A veia satírica não lhe falta também, ve-se, e como versa profundamente «Sátiras e epigramas» não desmerecem os seus justos créditos.

Luiz, por S. Pinha, Coimbra, 1920.

«Lutar e vencer ao serviço do melhor, eis para que existes, diz o autor. Desgraçado de ti se não souberes ou não quizeses cumprir a lei fatal que te é imposta».

S. Pinha especula longamente sobre esta tese e na apologia filosófica das leis do melhor subordina tudo ao egoísmo individual do eu. Autolatria grotesca ou fustierie de engrandecido.

O azorogue, de R. F. de Barros, Livro 1.º

Supomos ser uma publicação periódica.

dica de crítica ao actual regime político por um adversário das instituições. O sr. Barros diz grandes verdades, sem dúvida, mas os seus brados patrióticos, embora sejam bem intencionados, o que acreditamos, não comovem a alma das multidões cada vez mais orientadas para um ideal que está muito longe de ser o que o crítico de *O azorogue* prega.

Antologia Portuguesa, Barros, 1.º volume, Livraria Aillaud e Bertrand, Lisboa, 1920.

Organizada pelo distinto professor sr. Agostinho de Campos esta Antologia portuguesa é uma publicação meritoria, credora do aplauso de todos os amantes das nossas letras.

Vulgarizar em edições acessíveis ao grande público as obras primas da literatura portuguesa ou o que de melhor existe na obra varia de muitos escritores é uma iniciativa a que não se deve regatear louvores.

A Livraria Bertrand, sob a autorizada direcção do sr. Agostinho de Campos, tomou a peito esse nobre encargo, tendo já publicado volumes respeitantes a Manuel Bernardes, Alexandre Herculano, Frei Luís de Sousa, Guerra Junqueiro e agora o 1.º de João de Barros, o autor das «Décadas da Índia».

Pages choisies de Romain Rolland, por Marcel Martinet, Librairie Olenoff, Paris.

Por amável oferta do ilustre poeta e escritor socialista francês Marcel Martinet a esta redacção, recebemos numa magnífica edição o 1.º volume *Pages choisies* extraídas da obra do notável escritor Romain Rolland, que se celebrou nos últimos tempos em França por uma nobre independência na sua crítica e apreciação da grande guerra, o que tanto irritou os partidários do *just a bul*.

Romain Rolland é uma das mais curiosas individualidades literárias da França moderna, tendo escrito obras notáveis sobre música e romances que são como *Jean Christophe* (10 vols.), emoligantes sínteses à maneira de Victor Hugo e Zola. Pouco vulgarizado, pouco conhecido mesmo no seu país, a mentalidade socialista tem-no posto, em foco, começando agora a ser apreciado como deve, pelo grande público.

O excelente volume é ornado com um belo retrato de Rolland, e enriquecido com biografia por Marcel Martinet.

Outras publicações: Camões, discursos pronunciados pelos professores Leonardo Coimbra, Damiano Peres e Hernani Cidade na sessão comemorativa do 340.º ano de Camões realizada no teatro Aguiar de Ouro, do Porto.

Aguiar, revista literária, órgão da Renascença Portuguesa, n.º 101 a 105.

CONFERENCIAS

A duração e intensidade do trabalho

Na sua 6.ª lição de *Economia social*, na Universidade Popular Portuguesa, o dr. sr. Azeredo Perdigão ocupou-se da duração e intensidade do trabalho, da divisão do trabalho, e por último, da organização científica do trabalho ou Taylorismo.

Na primeira parte, mostrou como a duração do trabalho é uma das grandes causas da superioridade económica e social das classes trabalhadoras, fazendo um resumo histórico do problema, desde o inquérito de Villarm até aos cálculos de Antoine e as modernas estatísticas. Considerou a produtividade do trabalho em relação à sua divisão e sobretudo a sua organização.

Nesta última parte iniciou uma exposição muito clara e completa do célebre Taylorismo ou organização científica do trabalho, mostrando com exemplos muito simples o seu mecanismo, que na América é seguido, já hoje, por muitas centenas de milhares de operários.

Concluiu por destacar as principais consequências desse regime de trabalhos:

1.º Aumenta a produtividade do operário; 2.º permite reduzir o número de horas de trabalho e aumentar o tempo destinado à educação, à cultura do espírito e ao descanso; 3.º eleva os salários paralelamente à intensificação da produção; 4.º evita a surmenagem.

A organização científica do trabalho

Hoje, pelas 21 horas, o dr. sr. Azeredo Perdigão fará a sua 7.ª lição, continuando a expor a organização científica do trabalho, sob os vários aspectos económico, moral e social.

A Batalha recomenda esta série de conferências aos seus leitores, sobretudo dos leitores operários, por neles ser posto um problema que muito interesse deve merecer aos que produzem.

AS DELIBERAÇÕES DA CAMARA

Pintores da Construção Civil

Em virtude duma recente resolução tomada pela Câmara Municipal não são obrigados este ano a fazer limpeza nos seus prédios os respectivos proprietários, como determinam as posturas municipais.

Assim, atravessando os operários pintores da construção civil uma grande crise de trabalho, mais ainda se vem agravar com as deliberações do município tomando uma resolução que condena a fome os componentes daquela indústria.

Para se pronunciarem sobre tão grave assunto, realizou-se hoje, pelas 20 horas, uma assembleia magna dos operários pintores, para a qual a respectiva secção profissional exorta todos a comparecer.

Trabalhadores: Lede e propagai A

BATALHA

